



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

**SAMARA DA SILVA VIEIRA
(depoimento)**

2014

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-397

Entrevistada: Samara da Silva Vieira

Nascimento: 07/10/1991

Local da entrevista: Universidade de Caxias do Sul

Entrevistadora: Suélen de Souza Andres

Data da entrevista: 20/03/2014

Transcrição: Bruna Tomaschwski Perla

Copidesque: Suélen de Souza Andres

Pesquisa: Suélen de Souza Andres

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: dezenove minutos.

Páginas Digitadas: treze páginas.

Observações:

Entrevista realizada para a produção da dissertação de mestrado Suélen de Souza Andres intitulado *Mulheres e Handebol no Rio Grande do Sul: Narrativas acerca do processo de "profissionalização" da modalidade* produzida no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano – ESEF/UFRGS

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

O começo no handebol; Sua vinda da Europa; Clubes que jogou handebol; Remuneração no esporte; Trajetória até a Seleção; Bens conquistados com o handebol; Handebol lazer para o profissional; Transferências entre clubes; Convocação para a Seleção Brasileira; Viver em outro país com o handebol; Rotina de treinos; Reconhecimento do handebol no Brasil; Diferenças do handebol feminino para o masculino; Ser profissional do handebol; Considerações finais.

Porto Alegre, 20 de março de 2014. Entrevista com Samara da Silva Vieira a cargo da pesquisadora Suélen de Souza Andres para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

S.A. – Samara, conta um pouquinho da sua história com o esporte e tua trajetória dentro do handebol.

S.V. – Comecei com dez anos como goleira em Natal no Rio Grande do Norte. Logo depois fui passando para as posições de linha. Lá em Natal é um Estado bem difícil de seguir no esporte, porque não tem muita ajuda. A gente fazia por nós mesmo, porque gostamos. Comecei em Natal na Escola Sagrada Família, fiquei uns quatro anos em Natal, então perto de fazer dezesseis anos eu fui para a Espanha, passei quatro anos na Espanha, quase cinco. Fora o clube eu vinha tendo campeonatos com a Seleção¹. Particpei na Seleção desde a categoria infantil até o Campeonato da Petrobras adulto. Tive experiência na Espanha, Hungria e por ultimo Itália. Foram experiências bem diferentes, culturas diferentes e agora estou aqui.

S.A. – Veio direto da Europa para cá?

S.V. – Sim, vim direto da Europa. Voltei porque sofri duas lesões graves, em dez anos eu fiz duas operações, duas cirurgias de ligamento cruzado, sendo a primeira no final de 2011, de ligamento cruzado e a segunda em fevereiro de 2013, de ligamento cruzado, cartilagem e menisco. Fiquei um ano parada em função da recuperação e voltei também por causa de problemas no clube da Itália.

S.A. – Em quantos clubes você já jogou?

S.V. – Esse é o meu terceiro clube.

S.V. – Contando com escolar? Porque em Natal eu jogava no Fazenda Parque, não era adulto, era só escolar.

S.A. – Quais os outros clubes em que jogou?

S.V. – Cleba o León² e Sassari³.

S.A. – Isso na Espanha?

S.V. – Na Espanha Leon e na Itália Sassari.

S.A. – E na Hungria?

S.V. – Na Hungria eu não lembro o nome do clube, porque fiquei pouco tempo. Porque minha avó sofreu um acidente muito grave eu pedi para voltar, acabou tendo um problema que eles não queriam deixar eu voltar, mas eu voltei porque é família e, Graças a Deus eu não tinha firmado nenhum contrato, se não, não ia poder voltar.

S.A. – Quando você saiu para o primeiro clube, qual a média de salário?

S.V. – Lá [PALAVRA INAUDÍVEL]

S.A. – É.

S.V. - No primeiro clube, entre três mil duzentos euros a três mil e quatrocentos euros.

S.A. – E essa é a média para quem joga na Europa?

S.V. – Não agora está melhor, isso foi logo no começo.

S.A. – Sabe dizer quanto que elas ganham hoje?

S.V. – Depende do país que você vai, porque difere de um lugar para outro. Na Hungria pode ser que você ganhe mais. Na Espanha com as crises que está tendo não penso que passe mais de mil, dois mil euros. Na Itália é mais ou menos igual, mas a Itália não tem um

¹ Seleção brasileira de handebol.

² Club León Balonmano (León, Espanha).

nível profissional, e só podem contratar uma estrangeira, e nos outros países podem contratar quantos quiserem. Por isso que na Itália o nível de lá é mais baixo, a base não é boa e só podem contratar uma estrangeira.

S.A. – Já teve o benefício do Bolsa Atleta⁴?

S.V. – Já, com quinze anos.

S.A. – E qual era o valor na época?

S.V. – Mil e quinhentos reais.

S.A. – Isso foi em que ano?

S.V. – Em 2007.

S.A. – Como se deu a convocação para a Seleção, desde o início? Como foi a tua trajetória na Seleção?

S.V. – Tudo começou quando a gente passou a competir. Porque Natal é um Estado bem pequeno. Então saíamos para competições escolares, brasileiros. E numa dessas o técnico da Seleção infantil me convocou para o Primeiro Sul- Americano de Handebol feminino infantil estava com quatorze anos. Depois fui sendo convocada até a Seleção adulta, durou até eu sofrer a lesão.

S.A. – Jogou por todas as categorias da Seleção?

S.V. – Joguei nas categorias, infantil, cadete, juvenil e adulto. Particpei de algumas competições.

S.A. – Teve alguma competição que te marcou?

³ ASD Sassari Città dei Candelieri (Sorso- Sassari, Itália).

⁴ Programa Bolsa Atleta do Ministério do Esporte.

S.V. – Teve o Mundialito da França, que foi esse que me levou para a Europa.

S.A. – Qual o benefício de servir a Seleção?

S.V. – Antigamente nenhum.

S.A. – Hoje tem algum?

S.V. – Hoje deve ter alguma coisa, mas antigamente não tinha nada. Só por amor mesmo a camisa.

S.A. – E toda essa trajetória dentro handebol, você conseguiu algum bem material?

S.V. – Deixa só corrigir uma coisa, nas seleções de base não ganhava nada, mas a partir do adulto você passa a receber uma ajuda. Antigamente eram cem reais, acho que agora já estão uns trezentos reais a diária, o dia de treino.

S.A. – Já conseguiu comprar alguma coisa, ter um bem material?

S.V. – Só um terreno, de momento [RISO].

S.A. – Foi o que você conseguiu com Handebol?

S.V. – Foi.

S.A. – Em que momento você acha que passou do Handebol de lazer, no jogo, para o Handebol profissional, para o Handebol sério?

S.V. – Em que momento eu comecei?

S.A. – Em que momento você percebeu que era sério?

S.V. – A partir do momento que eu comecei, no momento que fui para a Europa, que foi ali que comecei a ver que o negócio era diferente, que eu já não era uma criança. Estava com dezesseis anos e comecei a ter responsabilidades, foi em 2008.

S.A. – E como se deram essas transferências entre os clubes?

S.V. – O técnico, agora ex-técnico da Seleção feminina do Brasil, o espanhol Juan Oliver Coronado era amigo do meu ex-técnico, Paulo Goulart da Seleção. O Juan me viu jogando o Mundialito da França e se interessou, então, o Paulo entrou em contato com o Flávio Tinoco, meu técnico de Natal e com o Juan, assim fechou o contrato.

S.A. – Mas assina contrato, tem o termo certinho?

S.V. – O primeiro que assinei era de cinco anos. Tudo certinho, assinado no papel e no cartório, o segundo a mesma coisa.

S.A. – E como foi para a tua família a escolha de viver do Handebol?

S.V. – Difícil, porque não é como o Futebol, você não vai ficar rica. Porque no Futebol se você fizer um gol em uma competição importante, você pode ganhar milhões, no Handebol não. Mas eu sabia que o que eu estava escolhendo poderia ter coisas boas e coisas ruins. Uma ruim foi que eu não pude concluir os meus estudos porque sai muito cedo de casa, a boa é pelo amor que a gente tem pelo esporte, pelo país, de não medir esforços para defender. Meus pais entenderam, mas foi difícil, porque saí menor de idade. Para sair eles precisavam assinar uma permissão, nessa hora minha mãe não queria me deixar ir, então conversei, pedi e no final autorizaram.

S.A. – E como é sendo menor de idade, como funcionava fora do país?

S.V. – Da mesma forma de um adulto.

S.A. – É?

S.V. – Só que o cuidado deles era um pouco mais em termo de ligar, saber como você está. Agora o resto, você tem que se virar, tem que ir atrás. Você chega lá, não tem nada, tem que ir atrás de telefone, mercado, é tudo contigo. O que ajudou foi que na mesma época que eu, tinha mais seis brasileiras. Mayara⁵ foi à pessoa. Ela era a central da Seleção, foi uma pessoa que me ajudou bastante lá.

S.A. – Em relação a rotina, como era?

S.V. – Era normal, treino casa, treino casa, dormir, descansar.

S.A. – Em relação a treinos, faz duas semanas que vocês começaram com treino aqui?

S.V. – Isso.

S.A. – Tem muita diferença do treino de lá para o daqui?

S.V. – Um pouco.

S.A. – Quantas horas de treino eram lá?

S.V. – Lá eram dois períodos, era pela manhã treino físico e a tarde tinha academia e quadra.

S.A. – Então era o dia inteiro em função?

S.V. – Na pré-temporada eram dois treinos por dia. No período normal, que era depois das competições, durante as competições, um dia dois treinos e outro dia um.

S.A. – Puxado.

S.V. – Sim.

⁵ Mayara Fier de Moura.

S.A. – Samara, você que teve essa experiência de poder participar do Handebol europeu e hoje está de certa forma acompanhando o Handebol brasileiro. Como você vê o interesse do público para o handebol feminino?

S.V. – Aqui no Brasil?

S.A. – Aqui no Brasil.

S.V. – Agora está melhorando bastante, antigamente o pessoal não sabia nem o que era, dizia futebol com a mão, mas na verdade é um esporte completamente diferente do que um futebol com o pé, eu acho que agora com o Mundial, que as meninas ganharam, vai passar a ter uma valorização, não só como visual, mas com quadra, os atletas, os técnicos e as atletas em termo de salário.

S.A. – E tem muita diferença da Europa para cá?

S.V. – Em termos de salário?

S.A. – Não, em termo de visibilidade mesmo da modalidade.

S.V. – Têm países na Europa que o futebol é o handebol lá, é quadra cheia, todo mundo entra, todo mundo vai como se fosse para um jogo da Seleção, é igual lá.

S.A. – E assim, qual o teu maior sonho hoje no handebol?

S.V. – Poder voltar para a Seleção.

S.A. – Maior frustração?

S.V. – Minha cirurgia.

S.A. – Tu vêes muita diferença do Handebol feminino para o masculino no Brasil?

S.V. – Agora sim, um pouco, é porque nós do Handebol feminino conseguimos um título que ninguém esperava, foi uma coisa inexplicável, todo mundo duvidava que o Brasil um dia pudesse ganhar um Mundial. Já o masculino tá aí, não está ruim, mas também não está bem, é bem difícil deduzir.

S.A. – Tu acha que tem relação com o fato de boa parte da Seleção jogar fora?

S.V. – Tem, eu acho que uma equipe da Europa no caso a Hypo⁶, é a Seleção. Seis meninas estão lá por causa de um projeto do Morten Soubak para a Seleção. O objetivo é treinar essas meninas juntas, para terem melhor afinidade em quadra, se conheceram bem. E o fato dessas meninas saírem, pegarem mais experiência, voltar para Seleção, isso tudo conta.

S.A. – O nível do handebol europeu para o brasileiro tem muita diferença?

S.V. – Em termos de liga existe diferença, da liga do Brasil para a liga Europeia, mas em termo de Seleção está igualado, no meu ponto de vista.

S.A. – Em sua opinião, o que o Brasil poderia fazer hoje para dar mais visibilidade para o handebol?

S.V. – Valorizar.

S.A. – Valorizar em que sentido?

S.V. – Dar mais oportunidades as atletas, ajudar em termo escolar também, começar desde a base.

S.A. – Para você o que é ser profissional do Handebol?

⁶ Hypo Nö, time da Áustria;

S.V. – Ser profissional do handebol é bom porque eu amo fazer isso, mas é como se você trabalhasse, como se você tivesse uma responsabilidade de sair de casa todos os dias e trabalhar, mas ao mesmo tempo é prazeroso, porque a gente está se divertindo também.

S.A. – Samara tem alguma coisa que não perguntei que gostaria de complementar?

S.V. – Dessa vida que a gente leva, as únicas coisas boas que a gente adquire são as experiências e as amizades. Tem certas coisas, certas experiências, que você nem gosta de lembrar. No meu caso é a experiência da Itália. Mas tem as boas, o tempo de Seleção, meu tempo na Espanha e agora aqui no Brasil. Espero que seja bom aqui no Brasil, primeira vez, de liga, de jogos oficiais.

S.A. – Mais alguma coisa?

S.V. – Não.

S.A. – Então em meu nome e em nome do Centro de Memória do Esporte eu gostaria de agradecer e desejo toda a sorte do mundo nessa volta ao Brasil.

S.V. – Obrigada.

[FINAL DA ENTREVISTA]